DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Supertramp
Breakfast in America

MARCO ANDRÉ BRIONES

VISIT...

DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

Supertramp
Breakfast in America

MARCO ANDRÉ BRIONES

ÍNDICE

INTRODUÇÃO À OBRA
DEDICATÓRIA
FICHA TÉCNICA
LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM
ORIGENS DO ÁLBUM
ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA
GONE HOLLYWOOD
THE LOGICAL SONG
GOODBYE STRANGER
BREAKFAST IN AMERICA
OH DARLING
TAKE THE LONG WAY HOME
LORD IS IT MINE
JUST ANOTHER NERVOUS WRECK
CASUAL CONVERSATIONS
CHILD OF VISION
O LEGADO DE "BREAKFAST IN AMERICA"
CONTATO COM O AUTOR
LINK PARA A AMAZON
BIBLIOGRAFIA
PLAYLIST NO SPOTIFY
LINKS NO YOUTUBE
SOBRE O AUTOR

Introdução à série "DESVENDANDO ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK"

Caro leitor:

A ideia de criar a presente série me ocorreu quando um dia eu estava conversando com a minha amiga, Marta Secco, sobre rock e ela me sugeriu que eu deveria começar a escrever sobre o assunto, pois sabe o quanto gosto do tema, além de ter uma vasta coleção de livros e DVDs sobre as mais variadas bandas e artistas. O outro fator motivador para a concepção da série, chamada "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock" surgiu através de um velho amigo meu, Marcelo Avedissian, que me enviou uma brincadeira através do Facebook, pedindo que listasse os meus 10 álbuns favoritos, sem qualquer tipo de comentário. Respondi que isso seria impossível, pois teria muito mais do que 10 álbuns para escolher e, principalmente, eu gostaria de explicar por que eles são especiais para mim e contar a história e origem de cada uma das canções. Assim, brotou em minha mente o conceito da série.

Percebi também que, embora eu aprecie muito descobrir novos artistas, bandas, álbuns e estilos musicais, alguns álbuns sempre acabam sendo ouvidos novamente, voltando como amigos saudosos que regressam após uma longa viagem. Considero que aqueles que farão parte dessa coluna são meus parceiros de longa data, que vem me acompanhando há décadas, através dos momentos de alegria e tristeza. Sempre estiveram disponíveis, ao meu lado, para celebrar comigo os momentos de felicidade ou me confortar em minha dor nos momentos de sofrimento.

Desta forma, pensei que uma maneira através da qual eu poderia retribuir tantos bons momentos e horas de companhia que tive durante todos esses anos seria fazer uma homenagem, um pequeno tributo, aos meus artistas favoritos e aos álbuns que mais marcaram a minha vida. Os leitores atentos notarão que não necessariamente escolherei os álbuns mais famosos ou vendidos de cada artista. Algumas vezes isso acontecerá, mas a escolha foi feita por serem aqueles que são especiais para mim, tendo entrado em minha história pessoal de uma maneira muito intensa, fazendo parte da minha formação musical até os dias de hoje.

Adotei alguns critérios para elaborar essa série: cada artista terá apenas um álbum selecionado. Iniciarei com uma ficha técnica, citando os músicos envolvidos e as faixas do álbum. Na sequência, descreverei a origem do álbum, de onde e como ele surgiu. Em seguida, farei uma análise detalhada de cada uma das faixas, finalizando com o legado deixado pela obra do artista escolhido. Serão disponibilizados também alguns links no final, para que possam ouvir

e ver os artistas em questão.

Atualmente tenho os seguintes títulos já publicados e disponíveis, que fazem parte do meu primeiro volume de álbuns analisados:

The Beatles – The White Album

Rush – Permanent Waves

U2 – The Joshua Tree

The Police - Synchronicity

Deep Purple – Made in Japan

Marillion – Clutching at Straws

Van Halen – 1984

Tears for Fears – The Seeds of Love

Genesis – A Trick of the Tail

Black Sabbath – Paranoid

Já estão sendo publicados os títulos do segundo volume, sobre os álbuns a seguir:

Radiohead – Kid A (já publicado)

Kiss – Creatures of the Night (já publicado)

Pink Floyd – The Wall

Peter Gabriel – Us

John Lennon – Plastic Ono Band

Rainbow – Rising (já publicado)

Iron Maiden – Piece of Mind (já publicado)

The Smiths – The Queen is Dead

Queen – The Game (já publicado)

Esse e-book é minha singela homenagem, além de uma forma de agradecimento aos anos de alegria e companhia que a obra eterna do Supertramp tem me dado. Espero que após a leitura do presente volume, você possa ouvir novamente “Breakfast in America” com uma nova compreensão e apreciação, conhecendo as histórias e inspiração por trás de cada uma das faixas. Tenho certeza de que você o escutará de uma outra maneira e, quem sabe, ele também venha a lhe acompanhar pelo resto de sua vida.

Desejo-lhe uma boa viagem musical!

Marco André Briones

marcoandrebriones@gmail.com

São Paulo, março de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico essa obra ao grandes músicos, compositores e vocalistas do Supertramp, Rick Davies e Roger Hodgson, pelos anos de inspiração, alegria e apoio que suas maravilhosas composições me proporcionaram até hoje.

Deixo aqui registrados os meus votos mais sinceros de que Rick Davies possa se recuperar e ficar completamente curado de seus problemas de saúde, lhe possibilitando voltar ao mundo da música com muita alegria e energia.

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO ROCK – VOLUME 11

SUPERTRAMP – BREAKFAST IN AMERICA

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO - 1979

PRODUZIDO POR – PETER HENDERSON & SUPERTRAMP

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- RICK DAVIES – VOCAL, PIANO, TECLADOS, ÓRGÃO HAMMOND, PIANO ELÉTRICO WURLITZER, HARPSICHORD, SINTETIZADORES, GAITA, CLAVINETA COM WAH WAH.
- ROGER HODGSON – VOCAL, PIANO, GUITARRAS, VIOLÃO DE 12 CORDAS, PIANO ELÉTRICO WURLITZER, ÓRGÃO.
- JOHN HELLIWELL – SAXOFONE, CLARINETA, ASSOVIOS, APITO, BACKING VOCALS.
- DOUGIE THOMSON – BAIXO
- BOB SIEBENBERG – BATERIA E PERCUSSÃO
- DICK “SLYDE” HYDE – TUBA E TROMBONE – FAIXA 4
- TODAS AS FAIXAS DE AUTORIA DE RICK DAVIES & ROGER HODGSON

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**GONE HOLLYWOOD**
2	**THE LOGICAL SONG**
3	**GOODBYE STRANGER**
4	**BREAKFAST IN AMERICA**
5	**OH DARLING**
6	**TAKE THE LONG WAY HOME**
7	**LORD IS IT MINE**
8	**JUST ANOTHER NERVOUS WRECK**
9	**CASUAL CONVERSATIONS**
10	**CHILD OF VISION**

ORIGENS DO ÁLBUM

Desde os seus primórdios, o Supertramp foi liderado por seus dois compositores e vocalistas: Rick Davies e Roger Hodgson. Ao iniciarem sua carreira juntos, ambos os músicos concordaram estabelecer uma parceria no estilo “Lennon/McCartney”, na qual as canções compostas por qualquer um dos dois individualmente levaria o nome do outro parceiro também. No entanto, poucas canções foram efetivamente escritas pelos dois vocalistas juntos. Basicamente apenas as faixas do primeiro álbum de sucesso da banda, “Crime of the Century”, foram compostas em dupla, particularmente a faixa “School”, que é um dos destaques dessa grande obra. Posteriormente, podemos considerar que o vocalista principal de uma determinada faixa é o seu verdadeiro autor. Tal acordo prevaleceu durante todo o tempo em que Roger Hodgson permaneceu na banda.

Rick Davies e Roger Hodgson compunham suas canções separadamente, mas concebiam os temas centrais de cada álbum de forma conjunta. Foi assim desde “Crime of the Century” até “Breakfast in America”. O conceito original do novo álbum foi o de criar um grupo de canções sobre relacionamentos e o conflito entre ideais e personalidades dos dois compositores e vocalistas da banda. O título do álbum inicialmente seria “Hello Stranger” (Olá Estranho), acentuando ainda mais a situação de distanciamento e falta de comunicação entre os dois.

Roger explicou que: "Nós percebemos que algumas das canções realmente se assemelhavam a duas pessoas falando uma com a outra ou para a outra. Eu poderia estar menosprezando sua maneira de pensar enquanto ele estaria desafiando minha maneira de ver a vida. Nossos estilos de vida são tão diferentes, mas eu o amo. Esse contraste é o que faz o mundo girar e o que faz o Supertramp girar. As crenças dele são um desafio para as minhas, enquanto as minhas crenças são um desafio para as dele. Nós estávamos pensando em tornar esse o tema do álbum, pois nós não estávamos nos comunicando muito bem durante a gravação deste álbum.

John Halliwell afirmou que: “Rick tinha os pés no chão enquanto Roger estava mentalmente, não em um plano superior, mas ele tinha aspirações espirituais.”

É importante também ressaltamos que, embora os membros mais famosos da banda fossem os dois vocalistas e compositores, o grupo possuía outros três integrantes extremamente talentosos e brilhantes em seus respectivos instrumentos. Primeiramente, o baixista Dougie Thomson, responsável por criar linhas de baixo espetaculares e tocar exatamente o que era necessário em cada canção, sem exageros, mas

sempre dando seu toque especial para embelezar cada melodia. O baterista Bob Siebenberg sempre foi um mestre da percussão, criando o clima perfeito para cada tema e fazendo transições magníficas entre as diferentes partes das canções. Por fim, o multi-instrumentista John Halliwell, que além de tocar uma ampla gama de instrumentos de sopro, também tocava teclado, fazia backing vocals e era o mestre de cerimônias da banda em suas apresentações ao vivo. Sem eles, a banda jamais teria alcançado o sucesso e popularidade que conseguiram, nem suas gravações teriam tanta qualidade musical.

Alguns anos antes, em 1977, o Supertramp havia lançado o álbum "Even in the Quietest Moments", que foi muito bem recebido, especialmente pelo grande sucesso da canção "Give a Little Bit", além de outras faixas excepcionais como "From Now On" e a majestosa "Fool's Overture". Logo após o lançamento, Roger Hodgson declarou que "talvez nossa escolha de músicas tenha sido muito voltada para uma única direção. Nós buscamos o drama e temas com significado ao invés de nos soltarmos e nos divertirmos um pouco. Talvez a gente deva dar as costas aos três últimos álbuns e gravarmos um álbum divertido. Mas acho que todos pensam que perderemos fãs se fizermos isso. Mas há um sentimento realmente forte de que a gente deva se soltar no próximo álbum. Acho que poderemos fazer isso.

Desta forma, o conceito original do álbum, assim como o seu título provisório acabaram sendo descartados e substituídos por algo mais "divertido", devido ao fato de haver canções mais "alegres" e menos pesadas no novo trabalho. Na realidade, o resultado final não foi tão "divertido", assim pois, embora a capa o seja, os temas abordados nas faixas ainda são sérios e profundos como os dos trabalhos anteriores.

Rick acabou sendo convencido por Roger a mudar o título do álbum de "Hello Stranger" para "Breakfast in America". Segundo Roger, o título foi escolhido por ser "divertido" e combinava com a atmosfera de diversão prevalecente no novo trabalho. Pelo fato de mencionar a "América" no título e haver uma sátira explícita à cultura e modo de vida americano em três da faixas do álbum ("Gone Hollywood", "Breakfast in America" e "Child of Vision"), muitos ouvintes consideraram que o álbum era uma sátira aos EUA. No entanto, todos os membros da banda insistiram que as referências à cultura americana eram meras coincidências e que não havia intenção de se fazer nenhuma temática satírica no novo trabalho. Segundo Roger, "As canções nesse álbum foram escolhidas porque nós realmente queríamos transmitir um sentimento de diversão e calorosidade. Eu penso que nós sentimos que havíamos gravado três álbuns muito sérios e já estava na hora de mostrarmos o nosso lado mais leve." O álbum "Breakfast in America" foi muito diferente dos álbuns

anteriores da banda sob o aspecto que foi concebido para ter um apelo mais popular.

O produtor e engenheiro de som Peter Henderson declarou: “Eles se deram fantasticamente bem durante as gravações e todos estavam realmente felizes. Havia uma vibração muito boa e eu acho que todos estavam genuinamente animados com as gravações e a resposta da gravadora A&M a elas. Já Roger contestou tal afirmação, dizendo que ele e Rick estavam vivendo estilos de vida cada vez mais diferentes, e que ele sentia que Rick não gostava de muitas de suas canções e só ficava em silêncio sobre sua insatisfação pois ele percebia que os outros membros não concordariam com ele em qualquer votação. Um jornalista que presenciou três dias de gravação do álbum afirmou durante todo o período que permaneceu no estúdio não viu Rick e Roger conversarem uma única vez, a não ser para trocarem cumprimentos cordiais. Havia até mesmo um distanciamento físico entre Roger e o restante da banda, pois o primeiro tinha sua residência no norte da Califórnia, enquanto os outros músicos residiam em Los Angeles.

Além dos problemas musicais, Rick e Roger também tinham suas diferenças pessoais. Roger admitiu que não se sentia confortável com a presença da esposa de Rick (que havia se tornado a empresária da banda), pois dizia que isso os separava muito, especialmente pelo fato dos dois serem o núcleo do Supertramp. Embora gostasse dela como pessoa, sua presença tendia a distanciar Rick do restante da banda. Disse que raramente havia qualquer atmosfera hostil por tal motivo, mas as banda não parecia mais ser uma unidade completa, pois raramente os cinco integrantes socializavam juntos ou conversavam sobre qualquer coisa.

Para tornar a situação ainda mais complicada, Rick não tinha nenhum pudor em expressar seu desdenho pela presença de temas espirituais ou religiosos nas canções de Roger, como havia ocorrido em faixas como “Babaji” e “Lord is it Mine”, pois ele era pessoalmente bastante crítico sobre tais assuntos. Rick declarou preferir permanecer anônimo do que se tornar religioso. Ele também afirmou que provavelmente teria de lutar com Roger sobre tal assunto no próximo álbum já que ele não achava correto a inclusão de tais temas tendo em vista que havia membros da banda que não davam a menor importância para assuntos religiosos ou espirituais.

Para evitar maiores problemas, a dupla acabou se afastando para compor suas canções que formariam o novo álbum. Rick explicou: “Se eu olhar uma canção do Roger e achar que há algo errado eu preciso estar 100% lá para lutar contra isso. Geralmente eu simplesmente não tenho a energia necessária para fazer isso, pois eu vejo isso crescendo

e se tornando um enorme mal-entendido". Desta forma, na maioria das vezes Rick exprimia sua insatisfação apenas em suas canções e não o fazendo abertamente.

Já Roger afirmou que: "Nós temos um relacionamento estranho. Sempre foi assim. Nós dois somos excêntricos e nunca fomos capazes de nos comunicar muito em um nível verbal. Há um vínculo muito profundo entre nós, mas isso é definitivamente mais em um nível musical. Quando estamos apenas nós dois tocando juntos, há uma enorme empatia. A abordagem dele mais com os pés no chão, que é muito rock and roll, dá um equilíbrio ao meu estilo, que é mais melódico e leve.

A banda trabalhou intensamente no estúdio durante oito meses para que o trabalho fosse o melhor que já tivessem gravado até então. Era importante que cada canção os tocasse individualmente, pois assim isso se refletiria nas plateias. Foi um trabalho muito meticuloso, como se fizessem uma enorme pintura, só que com sons ao invés de cores.

No entanto, nem tudo foi apenas trabalho, pois a banda sempre encontrava tempo disponível para se divertir em partidas de futebol com a estrela local e um de seus novos amigos, o cantor Rod Stewart. Em tais partidas, John Halliwell atuava como juiz.

A determinação e dedicação de Roger foram cruciais para fazer de "Breakfast in America" a obra prima do Supertramp. A confiança dele no novo trabalho era tão grande que ele decidiu dar tudo de si. Durante os últimos dois meses de gravação, ele deixou seu trailer no estacionamento do estúdio a fim de poder dedicar o máximo do seu tempo para mixar o álbum e conseguir ter breves períodos de sono entre cada sessão. A rotina dele era muito dura. Ele ia dormir às quatro da madrugada e às dez da manhã do dia seguinte já estava de volta ao estúdio para começar tudo novamente. Roger era o único músico diariamente presente no estúdio.

Na época, Roger declarou: "Eu realmente fui o produtor principal e a força impulsionadora. Eu era o último a dizer quando algo estava finalizado. Eu acho que todos os outros acreditavam que eu soubesse o que estava fazendo pois até então eu nunca os desapontei. Nós tínhamos de prosseguir até que eu dissesse que havíamos atingido o que buscávamos."

Concluiu dizendo que "Até "Breakfast in America" existiam realmente sentimentos mágicos quando estávamos compondo e gravando o material do Supertramp. Nós tínhamos uma relação muito próxima, como uma família, durante um longo tempo até esse álbum. A partir de então é que as coisas começaram a divergir e todos passaram a olhar para fora da música do Supertramp para encontrarem sua

alegria e realização pessoal.

O magnífico álbum levou a banda ao topo, mas, ao fazê-lo, também separou definitivamente seus dois compositores principais, levando Roger Hodgson a deixar o grupo alguns anos depois.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Gone Hollywood

Originalmente se chamava “Heartbreaking” e havia sido composta muitos anos antes de ser registrada em estúdio. A primeira faixa do álbum foi uma canção difícil de ser gravada, assim como a última, “Child of Vision”, pois a execução instrumental e vocal levou muito tempo para ser finalmente aprovada por Roger Hodgson, que tinha o papel de garantir a qualidade de cada uma das faixas gravadas em termos musicais, trabalhando lado a lado com o produtor Peter Henderson.

A canção escrita por Rick Davies conta a história de uma pessoa que se muda para Los Angeles na esperança de se tornar uma famosa estrela de cinema. No entanto, o caminho para o topo é muito mais difícil do que ela imaginava, a levando por passar momentos de muita tristeza, dificuldades, com uma enorme sensação de fracasso.

Na letra, o protagonista tinha um sonho que acaba se tornando um enorme pesadelo. Ninguém lhe sorri e todos lhe dão sempre a mesma resposta: “Você não é o que estamos procurando”. Ele lamenta não haver nada de novo ou verdadeiro em sua vida. Tudo foi embora. Ele está cansado de ficar ao telefone tentando ser recebido por alguém que possa ajudá-lo. Não há sequer um rosto amigável em seu caminho e todas as portas parecem estar fechadas para ele.

No entanto, devido a pressões dos outros integrantes da banda, Rick acabou mudando a última estrofe, dando um final feliz para a canção pois, ao contrário, o álbum já começaria com uma faixa um pouco deprimente com um trágico fim. Na nova versão, o protagonista consegue ter a oportunidade pela qual tanto esperou e acaba se tornando famoso, estimulando o ouvinte a tentar mais uma vez, nunca desistindo de seus sonhos pois o mundo está a sua espera.

Após o lançamento do álbum, Rick Davies afirmou em uma entrevista que considera que Los Angeles seja um lugar onde ninguém queira se estabelecer, nem mesmo os americanos, pois o local parece ser uma espécie de limbo. Declarou também ter uma relação de amor e ódio com a cidade.

Musicalmente, um dos grandes destaques da canção é a atuação brilhante do baterista Bob Siebenberg e do multi-instrumentista John Halliwell, com seus maravilhosos solos de clarineta.

The Logical Song

Essa é, provavelmente, a canção mais famosa de toda a carreira do Supertramp e que foi o primeiro single do novo álbum, conquistando

imediatamente milhões de ouvintes e novos fãs em todo mundo.

A letra da canção aborda temas bastante profundos, incluindo questões que todas as pessoas têm dentro de si e que, em algum momento de suas vidas, emergem e clamam por respostas.

Roger Hodgson frequentemente compõe suas canções cantando sobre os riffs de seu teclado, experimentando palavras diferentes e aleatórias para obter ideias para a letra da canção. Ao fazer isso, eventualmente alguma palavra ou frase surge que acaba lhe inspirando a escrever a letra final da canção. No caso dessa faixa, a palavra-chave que desencadeou toda a ideia da letra foi “logical”.

Essa é uma das canções mais pessoais de Roger, na qual ele trabalhou durante muito tempo, especialmente durante as passagens de som da banda ao vivo antes de finalmente completá-la e apresentá-la à banda 6 meses após sua conclusão. Ele ficou muito inseguro ao mostrá-la para seus colegas de banda pois pensou que eles não fossem gostar de sua composição.

O tema principal da faixa é como a inocência e o deslumbramento da infância são rapidamente perdidos à medida que as crianças são ensinadas a serem adultos responsáveis, se tornando cínicas e preocupadas. Toda a lógica que é ensinada nas escolas pode acabar limitando a criatividade e expressividade individual de cada aluno.

Roger considera que a canção era relevante quando ele a compôs e, mais de quarenta anos depois, ela é ainda mais relevante nos dias de hoje, pois questiona o que nos é ensinado nas escolas e, ainda mais importante, sobre as questões primordiais da vida que não são sequer abordadas em sala de aula. O mais curioso disso tudo é que a faixa se tornou uma das mais citadas nas escolas de vários países, pois ela estimula os alunos a examinarem suas vidas e o mundo que os rodeia. Roger afirmou que não podemos pregar para as pessoas, mas podemos estimular seus pensamentos, e ele acredita que essa canção promove exatamente tal atitude de forma muito aberta e verdadeira.

Roger foi enviado para uma escola internato aos 9 anos e só saiu de lá aos 19 anos. Ao deixar tal instituição, ele se sentia completamente confuso, com inúmeras questões em sua mente, tais como: “O que aconteceu comigo?”, “O que é a vida?”, “Quem sou eu?”. “The Logical Song” é uma maneira leve de se abordar assuntos muito profundos. Havia aprendido a ser apresentável, respeitável, sem que as perguntas mais relevantes da vida de qualquer pessoa ficaram sem respostas. Esse fator gerou grande empatia nos ouvintes pois, eles mesmos, também se fazem as mesmas perguntas e buscam respostas para suas vidas.

Segundo o músico, nas escolas as crianças têm todo o entusiasmo e

alegria da vida retiradas delas pelos professores, que os tornam frios, cínicos e racionais, desprezando qualquer tipo de sentimento, emoção, religiosidade ou questionamentos filosóficos mais profundos.

O compositor tinha tais dúvidas dentro de si e queria expressá-las, pois após a sua década em um internato, era esperado dele que após tal longo período educacional ele estivesse apto a encontrar um bom emprego e que tivesse as respostas para todas as perguntas. Isso não aconteceu com Roger, que acredita que as jornadas de nossas vidas servem para encontrar as respostas para as questões básicas de nossas existências.

Roger declarou que durante sua infância ele era uma verdadeira "bolha de alegria", que brincava e vivia encantado pela beleza e magia do mundo. Ao entrar na escola internato aos 9 anos, na qual permaneceu por 10 anos, sentiu que todos os sentimentos que tinha dentro de si foram se esvaindo por causa do ensino que recebia e o moldava, lhe obrigando a ser lógico, confiável e responsável. No entanto, sua verdadeira essência humana e de vida acabara ficando para trás e ele havia ficado muito confuso sem conseguir descobrir que ele era nem sua verdadeira vocação.

Em termos musicais, Roger creditou Rick por ter criado a harmonia vocal na canção. Essa é uma daqueles faixas que cativa o ouvinte desde a primeira audição, pois a melodia é contagiante, assim como a brilhante instrumentação e os vocais. Mesmo aqueles que não falam inglês ou entendem a letra original, ficam imediatamente encantados com a beleza da canção e são tocados por sua emotividade evidente, afinal, a música é realmente a linguagem universal. Um outro grande destaque é o belo trabalho do baixista Dougie Thomson nessa faixa.

Goodbye Stranger

A terceira faixa do álbum, a segunda de Rick, tem uma temática muito semelhante à de "Oh Darling", que será analisada posteriormente. Aqui, o protagonista fala sobre seu desejo de não se envolver em relacionamentos amorosos, tendo a liberdade para conhecer várias pessoas sem que se apegue ou crie vínculos com ninguém. Por outro lado, no refrão, podemos interpretar também a canção como sendo uma mensagem de despedida para Roger Hodgson, dizendo-lhe "Adeus Estranho", lhe agradecendo por tudo que viveram juntos e lhe desejando boa sorte em seu novo caminho e que seus sonhos sejam realizados. Para reforçar ainda mais tal ponto devemos nos lembrar que o título original do álbum era "Hello Stranger", e o tema central do álbum seria a dificuldade ou até mesmo ausência de comunicação

entre Rick Davies e Roger Hodgson.

A concepção da canção foi inovadora para a banda, que tinha por hábito abordar temas sérios e profundos em suas canções. Nesse álbum, o Supertramp fez um esforço para abordar assuntos menos pesados, de preferência que fossem mais divertidos e que estabelecessem um vínculo mais próximo com seus fãs e ouvintes. Tal novo direcionamento, em grande parte influenciado pelas diretrizes de Roger Hodgson, acabou dando enormes resultados para o grupo, que passou a ser um dos líderes de vendas de álbuns e teve suas apresentações lotadas em todas as cidades por onde se apresentaram.

Há rumores também de que parte da letra faria menções à maconha, como se o protagonista estivesse abandonando o uso da droga. Há um verso em que ele canta “Adeus Mary” e em outro “Adeus Jane”. Mary e Jane juntas formam um dos apelidos da “Marijuana”. No entanto, tal interpretação nunca foi explicitada pelo autor nem mesmo mencionada em qualquer entrevista, sendo, portanto, uma mera suposição.

Musicalmente, o teclado de Rick conduz a canção de forma constante e crescente, chegando ao final que é destacado com um incrível solo de guitarra de Roger, que torna a faixa ainda mais especial.

Breakfast in America

A faixa título foi a primeira a ser composta para o álbum, pois Roger a escreveu quando tinha apenas 18 ou 19 anos. Ele havia comprado um antigo órgão, do tipo “Harmonium”, que precisa ser acionado com os pés para emitir sons. Tal instrumento provou ter sido um grande inspirador de ideias na mente do jovem compositor, pois nele foram criados grandes clássicos do Supertramp como “Breakfast In America”' “Two Of Us”, “Soapbox Opera” e até mesmo o início de “Fool's Overture” e “The Logical Song”.

A letra da música foi inspirada pelo fascínio gerado pelas visitas dos Beatles aos EUA, que impressionaram muito o jovem Roger. A partir daquele instante ele passou a sonhar em viajar para os Estados Unidos a fim de conhecer de perto tudo que havia visto na TV e no cinema, especialmente as lindas garotas da Califórnia. Roger acredita que não tinha uma namorada na época e, se tivesse, provavelmente ela não teria ficado muito tempo com ele após ouvir a canção, pois ele critica abertamente a imaginária namorada que teria na época, dizendo que ela “não era grande coisa, mas era a única que ele tinha”, enquanto desejava partir para a Califórnia para conhecer as belezas locais.

A composição foi feita de forma divertida, usando trocadilhos e palavras que surgiram na mente de Roger enquanto compunha a

canção, sem grandes mensagens ou reflexões profundas, como ocorre em outras faixas de sua autoria.

Roger e Rick tiveram um desentendimento por causa desta faixas, pois Rick não gostava da letra da canção e chegou a pedir que Roger a mudasse. Foi feita uma tentativa, sem sucesso, e a letra original acabou sendo mantida. Além disso, Rick também não queria que a faixa fosse incluída no álbum e, muito menos, que fosse a faixa título. Em todos os casos a vontade de Roger acabou prevalecendo. No entanto, é preciso admitir que a canção acabou se tornando um enorme sucesso e serviu de chamariz para esse álbum extraordinário, repleto de faixas marcantes e de alta qualidade compostas por ambos os vocalistas.

Muitos instrumentos incomuns foram usados na gravação da canção, especialmente pelo fato de a banda estar sempre aberta à experimentos musicais e por terem um grande músico na banda, do calibre de John Halliwell, que dominava uma enorme gama de instrumentos de sopro, além de tocar teclados e fazer backing vocals.

O sonho de Roger acabou se realizando e ele se mudou para os EUA em 1975, exatamente para a Califórnia, e desde então reside lá com sua família.

Oh Darling

Aparentemente a canção descreve um relacionamento amoroso, no qual o protagonista mostra toda a sua paixão e sua sensação de estar sendo deixado para trás, ofuscado pelo brilho da sua amada. Também conta como todos na cidade já sabem da novidade (provavelmente que ele foi abandonado) e seu antigo amor afirma estar mais feliz do que nunca. Ele não quer ficar sozinho e diz que fará de tudo para alcançá-la.

No entanto, tendo em vista que a maior parte das canções deste álbum foram compostas sobre a falta de comunicação entre Rick Davies e Roger Hodgson, além da dificuldade deles em expressarem seus sentimentos em palavras diretas, podemos também interpretar a letra dessa canção como um pedido de Rick para que Roger não deixe o Supertramp pois, apesar das dificuldades existentes, ele aprecia a companhia do parceiro e o respeita musicalmente. Ele deixa transparecer seu desapontamento pelo fato da ruptura entre Roger e a banda já ser algo de amplo conhecimento e, sua tristeza em perceber que o antigo parceiro se sente realizado e satisfeito por deixar a banda para trás, com muitos planos para o futuro em sua carreira solo.

Musicalmente, é uma canção extremamente agradável de ser ouvida, com vocais muito bem trabalhados e um arranjo musical impecável de

todos os integrantes da banda. O dueto entre Rick e os backing vocals é particularmente inspirado. Uma bela faixa, sem sombra de dúvida.

Take the Long Way Home

Ao contrário da grande maioria de suas canções, Roger afirmou que essa não é uma composição autobiográfica. O tema central aqui é a enorme diferença entre se estar no palco e em casa, com a esposa e família. É também discutida aqui a sensação tão comum quando se alcança uma determinada idade na vida e nos arrependemos por não termos feito coisas que gostaríamos de ter realizado.

O protagonista da canção se considera o máximo, pois quando ele está no palco as pessoas o adoram. Quanto se apresenta ao vivo, ele consegue vivenciar seus sonhos e se torna uma superestrela. Por tal motivo, ele evita ao máximo regressar ao seu lar, sempre tomando o caminho mais longo para casa, que é o título da canção. Porém, ao regressar para casa, sua esposa o ignora, como se ele fosse apenas uma peça de mobília em sua residência. Na vida real, o protagonista é motivo de piada na vizinhança, que não o respeita nem valoriza.

A grande decepção chega no momento em que o protagonista percebe, tarde demais, que sua vida se tornou uma catástrofe e que não há mais tempo para realizar todos os seus sonhos e ele nunca se tornará quem ele realmente queria ser. Sua vida é comum e tal situação é difícil de ser assimilada. Sempre colocamos a culpa no tempo quando não conseguimos realizar algo que era importante para nós, mas que foi deixado para trás por algum motivo.

Essa faixa foi escrita pouco antes da banda entrar no estúdio para gravar o novo álbum. Ela foi uma surpresa de última hora que surgiu para Roger. Segundo ele, o “lar” sobre o qual a canção se refere pode ser interpretado de duas maneiras: a primeira aborda o fato de o protagonista não querer ir para casa pois sua esposa o trata como se fosse uma peça do mobiliário da residência. Por outro lado, há um sentido mais profundo, referente ao fato de que todos nós queremos encontrar nosso verdadeiro lar, aquele local no qual nos sentimos em casa. Para Roger, esse local é o nosso coração e, somente quando estamos alinhados com os nossos sentimentos e vivendo nossas vidas, sendo que é com o coração é que sentimos que encontramos o nosso lar. É uma pergunta que ele sempre se fez: “Onde é o meu lar?” “Onde encontrar paz?”.

Um dos melhores momentos do álbum, a canção sempre foi muito bem recebida ao vivo e continua sendo adorada pelas plateias em todo o mundo. Em sua carreira solo, Roger Hodgson costuma abrir suas apresentações com essa faixa, que dá o tom para o restante do show.

Um detalhe interessante sobre essa canção é o fato da banda ter recusado uma oferta de 5 milhões de dólares da empresa de transportes Greyhound para usar essa faixa em seus comerciais de serviços de transporte de ônibus.

Lord is it Mine

A faixa mais introspectiva do álbum também é a que tem a letra mais profunda, pois aborda questões primordiais sobre a nossas vidas.

Na canção, Roger mais uma vez questiona Deus sobre o sentido de toda a nossa existência no mundo, de forma muito intensa e emotiva. Uma faixa que parece ter brotado diretamente do coração de seu autor.

Roger faz uma espécie de desabafo com Deus, lhe dizendo que em certos momentos ele precisa ficar sozinho, pois está cansado das batalhas que enfrenta na vida. Nessas ocasiões, a única esperança que ele tem vem de Deus. Nos momentos nos quais as trevas prevalecem e nada parece correto, toda a crueldade do mundo traz muita tristeza ao autor, que busca amparo na Divindade Suprema.

Ele pede que Deus lhe dê uma resposta, embora reconheça que milhares de pessoas devam estar fazendo o mesmo pedido simultaneamente.

Mais uma vez, Rick não queria que essa faixa de Roger fosse incluída no álbum, pois considerava que ela não representava as crenças da banda, sendo uma visão muito pessoal de Roger, que deveria ser deixada para um álbum solo dele. Mais uma vez, Roger conseguiu convencer a banda que a canção deveria fazer parte do novo álbum.

Uma canção belíssima e muito tocante, com uma letra de forte teor religioso, pois Roger nunca escondeu sua constante busca por Deus, através da religiosidade, meditação, vegetarianismo e contato direto com a natureza. Roger afirmou que essa é um das canções favoritas que ele escreveu.

Mais uma grande participação do baixista Dougie Thomson, especialmente na parte final da canção.

Just Another Nervous Wreck

Mais uma faixa na qual Rick mostra toda sua insatisfação, dizendo que sua vida virou uma enorme bagunça. Há uma grande sensação de solidão, especialmente agora que sua linha de telefone foi cortada.

Aqui o protagonista está passando por grandes dificuldades financeiras, não tendo mais condições de pagar suas contas, não tendo dinheiro nem mesmo para comprar uma caneta para assinar seus cheques. Ele está prestes a ser despejado do imóvel onde reside e se

encontra desesperado, com os nervos à flor da pele.

Ele poderia ter ficado rico, mas deixou passar as oportunidades que teve pelo fato de ter pedido o desejo em alcançar o sucesso. O estresse o abala profundamente, o deixando ainda mais perturbado.

No final da canção, há um pequeno lampejo de otimismo, no qual Rick diz que nós devemos ressurgir das sarjetas e nos unirmos a fim de superar nossos obstáculos e dificuldades na vida, afinal, todos estão com os nervos em frangalhos.

Musicalmente é uma faixa poderosa e impactante, com um vocal marcante de Rick Davies e uma brilhante atuação de Roger Hodgson na guitarra.

Ambas "Just Another Nervous Wreck" como "Gone Hollywood" chegaram a ser ensaiadas para a tour promocional de "Breakfast in America". No entanto, Rick decidiu retirá-las do setlist da tour pelo fato das versões ensaiadas não terem atingido o mesmo padrão de qualidade das versões gravadas em estúdio.

Casual Conversations

Originalmente chamava-se "You Never Listen Anyway", um dos versos da canção.

O tema principal aqui é a dificuldade de comunicação entre Rick Davies e Roger Hodgson, especialmente após oito meses de gravação do novo álbum. O conflito de personalidades entre os compositores da banda gerava uma constante tensão na banda, além de uma enorme frustração, especialmente da parte de Rick, que declarava não ter a mesma energia nem disposição de Roger para fazer prevalecer suas ideias e rumos para o álbum e a banda.

Havia uma constante disputa entre os dois líderes do grupo sobre quais faixas entrariam no álbum e como elas deveriam ser musicalmente arranjadas. Na maioria das vezes, a vontade de Roger prevalecia, pois ele tinha uma personalidade mais forte e a disposição para trabalhar incessantemente no estúdio, moldando as canções do grupo e o álbum de uma maneira geral de acordo com sua visão artística. Rick se contentava em compor suas canções e cantá-las, deixando toda a parte da produção e mixagem para Roger e o produtor Peter Henderson.

Rick declarou que essa é uma faixa muito pessoal para ele. É óbvio que ela pode ser encarada como uma história de um relacionamento amoroso entre um casal, mas não podemos nos esquecer que o foco central da canção é a incapacidade de Rick em se comunicar com Roger, o levando a pensar em deixar o grupo. É curioso imaginarmos que, no final das contas, quem acabou saindo do grupo foi Roger,

enquanto Rick permaneceu e finalmente assumiu o comando da banda do qual fora o fundador e membro inicial.

A letra aborda o fracasso de um relacionamento, no qual a comunicação se tornou impossível, pois a outra parte nunca ouve. Há também uma dificuldade do protagonista em entender o que a outra pessoa está procurando e porque discordam tanto. Ele se sente ignorado e não gosta das conversas casuais, que nunca levam à lugar algum.

Fica muito claro nessa canção que Rick já via que a banda, ou pelo menos a participação de Roger nela, havia chegado ao fim, não vendo sentido em prosseguir apenas com a esperança de que eles se entendessem no futuro. Também questiona quem seria o responsável por tal deterioração na comunicação entre os dois. Comenta também sobre o afastamento de Roger da banda, indo residir em um lugar afastado do restante dos integrantes do Supertramp. Rick não sabe se deveria sentir alegria ou tristeza em meio a tal situação. Por fim, já que Roger tem que sair, que siga em frente. Embora tenha ficado um sentimento de tristeza em Rick, no final das contas ele acha que foi o melhor para todos e ele acabou se sentindo feliz por isso.

Uma canção resignada, que nos mostra como é ver alguém muito importante em nossa vida partir e seguir seu próprio rumo.

Child of Vision

Mais uma faixa de Roger, que conclui “Breakfast in America”. O autor declarou que essa canção é semelhante à “Gone Hollywood”, faixa de Rick que abre o álbum, pois ambas fazem uma análise distante sobre o modo de vida americano, embora ele tenha admitido que na época tinha apenas um conhecimento limitado sobre o assunto, pelo fato de estar vivendo há poucos anos nos EUA. Por outro lado, há uma inspiração em Rick Davies e na diferença entre os estilos de vida de cada um deles.

Na letra, Roger critica o modo de vida americano, repleto de aparências enganosas. Faz uma crítica a alimentação que envenena o corpo e da Coca Cola que foi oferecida a ele, com a promessa de ela tinha um bom sabor, além do poder da televisão, que dita o que as pessoas devem fazer. Ele não se conforma como as pessoas podem viver assim e diz que deve haver algo mais a se esperar da vida.

Na segunda parte, o tema parece se voltar ao parceiro Rick Davies, mencionando mais uma vez a dificuldade encontrada na comunicação entre eles. Afirma não haver motivo para eles brigarem, já que ambos estão certos.

Mais uma faixa que foi difícil de ser gravada, pois demorou muito

tempo até que a sonoridade buscada fosse finalmente captada no estúdio, assim como a interpretação de cada um dos músicos. No final das contas, a banda conseguiu efetuar a gravação desejada desta grande faixa, a mais longa de todas no álbum, que conclui essa coleção maravilhosa de canções dos grandes compositores Rick Davies e Roger Hodgson.

O LEGADO DE "BREAKFAST IN AMERICA"

Não podemos deixar de mencionar a sensacional capa do álbum, na qual temos uma simulação de visão como se estivéssemos dentro da janela de um avião, olhando uma garçonete chamada "Libby", fazendo uma referência direta à Estátua da Liberdade, que aparece na mesma posição da estátua, com um copo de suco de laranja sobre uma bandeja. Toda a ilha de Manhattan é representada por itens disponíveis em um café da manhã americano típico, com os talheres, bules de café, caixas de ovos, saleiro e tudo mais. Realmente uma capa muito inspirada, com um tom alegre e humorístico que recebeu em 1980 o Grammy pela melhor capa/embalagem do álbum, derrotando outros fortes candidatos como o Led Zeppelin e Talking Heads.

Após o lançamento do álbum, "Breakfast in America" ocupou a posição número 1 em vários países do mundo, especialmente devido ao sucesso de seus quatro singles: "The Logical Song", "Breakfast in America", "Goodbye Stranger" e "Take the Long Way Home".

"The Logical Song" ganhou o prêmio Ivor Norvello de 1979 por "Melhor canção em termos de música e letra". O álbum acabou se tornando o mais popular de toda a carreira da banda. Em 2010, mais de 20 milhões de cópias já haviam sido vendidas em todo o mundo. Na França, "Breakfast in America" é até hoje o álbum de língua inglesa mais vendido na história do país, superando os Beatles, Rolling Stones, Pink Floyd, Michael Jackson e muitos outros astros.

Em uma entrevista em 1979, Paul McCartney escolheu "The Logical Song" como a melhor canção do ano, declarando também que o Supertramp era uma de suas bandas favoritas na época. Já John Lennon afirmou que, se os Beatles ainda estivessem na ativa, provavelmente estariam gravando uma música muito próxima daquela feita pelo Supertramp. Para Roger, que sempre havia sido um enorme fã dos Beatles, não poderia haver melhor recompensa do que receber tais elogios de seus maiores ídolos.

Roger declarou que parte do sucesso que obtiveram foi devido ao fato deles terem conseguido pela primeira vez capturar em estúdio a energia da banda quando ela se apresenta ao vivo. Para ele, a grande receptividade do álbum foi a realização de um meticuloso plano. Ele declarou: "Eu sempre soube que seria um grande álbum. Eu sabia que havia chegado a nossa hora e, se isso não tivesse acontecido, o grande homem no céu estaria fazendo uma brincadeira conosco. Eu sentia que isso tinha de acontecer, pelo mero fato de nós termos lutado tanto tempo para isso."

Já Rick Davies declarou: "Eu acho que nós teremos de usar o tempo de uma forma um pouco mais criativa do que ficarmos apenas fazendo

tours sem fim, porque isso acabará nos matando no final. As cinco canções que eu compus em “Breakfast in America” foram as únicas que eu escrevi nos últimos três anos. Eu não consigo pensar direito quando estamos na Estrada. Eu fico apenas pensando sobre o próximo local para onde iremos. Isso se resume à pergunta: será que nós podemos sobreviver sem estarmos tão próximos uns aos outros? Nós todos podemos existir em nossos pequenos mundos e então nos reunirmos novamente como Supertramp?”

A banda saiu em tour pelo mundo, fazendo uma maratona de 117 shows durante nove meses, a maior tour de toda a carreira da banda. Roger declarou que a banda se esgotou completamente durante tal período. Esclareceu que ele é muito feliz pelo fato do álbum ter sido criado. A única parte difícil foi a tour internacional.

Dougie declarou que a banda queria também se apresentar no Japão, Austrália e na América do Sul. No entanto, fisicamente, não tinham mais forças para estender a tour ainda mais, pois estavam todos exauridos.

Embora a banda tenha sofrido na estrada, seus esforços foram registrados em um álbum duplo ao vivo intitulado “Paris”, gravado na capital francesa. A escolha do local foi acertada, pois já estavam praticamente no final da tour, com a banda muito entrosada e o repertório novo já devidamente incorporado aos shows. Além disso, o público francês sempre fora o mais fiel e admirador do trabalho da banda. Podemos perceber isso claramente ao ouvirmos esse extraordinário registro ao vivo, pois o entusiasmo e excitação da plateia são evidentes. As interpretações são brilhantes, com a banda mostrando toda a riqueza de seus arranjos instrumentais e vocais. Originalmente, esse álbum ao vivo seria chamado “Roadworks”. No entanto, como as faixas selecionadas haviam todas sido gravadas ao vivo em Paris, decidiram optar em dar o nome da capital francesa ao álbum ao vivo do Supertramp.

Havia um desejo por parte da banda de deixar registradas suas melhores canções pois pretendiam deixar de tocar algumas delas ao vivo. Além disso, não haviam ficado contentes com os registros em estúdio do álbum “Crisis? What Crisis?” e com algumas faixas de “Even in the Quietest Moments”. Roger declarou que as versões de estúdio de faixas como “Two of Us”, “A Soapbox Opera” e “Fool’s Overture” não haviam sido satisfatórias, e suas versões ao vivo ficaram muito melhores, podendo ser consideradas como sendo as definitivas.

Infelizmente, todo o sucesso obtido pelo Supertramp acabou por separar seus dois compositores ainda mais um do outro, pois ambos tem personalidades contrastantes. Enquanto Davies é um realista

pragmático, Hodgson é um filósofo sonhador. O álbum marcou o início do fim, pelo menos, para a fase da banda com a presença de Roger Hodgson.

Roger afirmou que: eu e Rick ainda temos a necessidade de crescer musicalmente. Nós atingimos o topo da montanha e estamos nos perguntando para onde devemos seguir agora. A maioria das bandas simplesmente fica no topo e canta sempre as mesmas canções, mas isso não significa nada para nós, pois sentimos a obrigação de evoluir como músicos. A banda só permanecerá junta se estiver crescendo. Se tivermos atingido um pico, provavelmente iremos encontrar outros músicos e fazermos outra coisa."

Ao refletir sobre o enorme sucesso que o Supertramp havia atingido, Roger afirmou que: "Eu acho que o maior desafio que um artista pode ter é o sucesso, especialmente o sucesso financeiro, porque o dinheiro traz com eles todo um novo tipo de desafios. É muito fácil que o dinheiro lhe consuma, não apenas sobre como você irá gastá-lo, mas é preciso tomar muito cuidado com ele. Antes que você note, ele já está controlando sua vida em termos de tempo. É muito difícil dominar a independência financeira. Você simplesmente não tem tempo para mais nada. Você tende a comprar sua própria casa, se afastar do estilo da vida das pessoas para as quais você canta. Você acaba se isolando e perde o contato com os sentimentos cotidianos da pessoas para quais você canta. É muito fácil para você perder sua perspectiva e eu acho que para nós, o dinheiro realmente fez isso."

Após alguns anos, a banda se reuniu mais uma vez na esperança de tentar recuperar a "faísca" do entusiasmo que tinham no início da carreira. Gravaram um último álbum juntos, intitulado "Famous Last Words". Infelizmente, a formação clássica do Supertramp havia chegado ao fim. Ainda fizeram uma tour promocional do novo álbum, na qual Roger se despedia das plateias, as informando que ele estava deixando a banda, mas que ainda lançaria muitas canções novas em sua carreira solo, assim como o Supertramp, que seguiria em frente sob a liderança de Rick Davies.

Embora ambas as partes tenham lançado álbuns de qualidade, nenhuma delas conseguiu repetir o sucesso impressionante atingido por "Breakfast in America", que ficou marcado para sempre na história como o ápice dessa talentosa banda liderada por dois compositores completamente distintos, mas igualmente brilhantes: Rick Davies e Roger Hodgson.

Você gostou do e-book? Então entre em contato com o autor através do e-mail:

marcoandrebriones@gmail.com

Quer ajudar o autor do e-book a escrever novas resenhas e análises detalhadas de outros álbuns clássicos? Que tal então comprar os produtos relacionados ao artista analisado diretamente no site da Amazon do Brasil? Usando os links fornecidos abaixo para suas compras você estará dando sua contribuição diretamente. Muito obrigado por seu apoio!

LINK PARA A AMAZON

BIBLIOGRAFIA

The Supertramp Book – por Martin Melhuish

Tramp's Footprints – The History of Supertramp – por Abel Fuentes

The Logical Book – A Supertramp Compendium – por Laura Shenton

Wikipedia

https://ultimateclassicrock.com/supertramp-breakfast-in-america/

https://www.inthestudio.net/online-on-demand/supertramp-breakfast-in-america/

https://www.loudersound.com/features/how-supertramp-made-the-classic-breakfast-in-america

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=dlrEhPAMHO0

https://www.youtube.com/watch?v=11afPoEkJL8

https://www.youtube.com/watch?v=uHM88mZ4k50

https://www.youtube.com/watch?v=qYQABJXHfpE

https://www.youtube.com/watch?v=T-louBIbRM0

https://www.youtube.com/watch?v=5_3crV1To3Y

https://www.youtube.com/watch?v=Yyqffz7K7aU

https://www.youtube.com/watch?v=--3piUyB5aM

https://www.youtube.com/watch?v=i_NAievsINc

https://www.youtube.com/watch?v=jK45RTKPfKo

Copyright © **2021** de **Marco André Briones**
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Segunda Edição, 2023

SOBRE O AUTOR

Escritor, professor de idiomas (inglês e francês), tradutor, intérprete, fotógrafo, colunista, pesquisador histórico. Sem dúvida, Marco André Briones é uma pessoa com muitas habilidades e interesses variados. É também um amante dos animais, particularmente de cães e gatos, é guitarrista amador em seu tempo livre e um apaixonado pelas viagens, procurando sempre descobrir o que há de mais peculiar em cada local, registrando suas descobertas em fotos e textos.

Marco é um grande estudioso de história, idiomas e música. Desde pequeno se interessa pelo rock, quando descobriu os Beatles. Depois foi descobrindo outras bandas, artistas e estilos musicais que também são de seu interesse e agrado, como o jazz, blues, música clássica, MPB e música instrumental.

Criador da série "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock", inovou ao realizar pesquisas inéditas no Brasil sobre os maiores álbuns de suas bandas e artistas favoritos, disponibilizando livros específicos sobre cada um deles, que são os mais completos disponíveis em língua portuguesa no mundo.

Atualmente está trabalhando no aumento de títulos disponíveis na série, assim como em outros títulos diferentes, abrangendo temas variados como o turismo nacional e internacional, história do Brasil, poesia e contos.

Email:

marcoandrebriones@gmail.com

Instagram:

@mbriones68

@marcobrionesphotography